



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO-UNIFAMETRO
PSICOLOGIA

KAROLINE BEATRIZ NOGUEIRA RABELO
NAILA DA SILVA BRAGA

A DOR QUE NÃO CESSA:
análise da(s) violência(s) psicológica(s) contra a mulher no contexto da série "Bom Dia,
Verônica"

FORTALEZA - CE
2023

KAROLINE BEATRIZ NOGUEIRA RABELO

NAILA DA SILVA BRAGA

A DOR QUE NÃO CESSA:

análise da(s) violência(s) psicológica(s) contra a mulher no contexto da série "Bom dia, Verônica"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no dia 04 de Dezembro de 2023 como requisito para obtenção do grau de bacharéis em Psicologia do Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO.

Orientador (a): Ms. Amanda Lívia de Lima Cavalcante

FORTALEZA – CE

2023

KAROLINE BEATRIZ NOGUEIRA RABELO

NAILA DA SILVA BRAGA

A DOR QUE NÃO CESSA:

análise da(s) violência(s) psicológica(s) contra a mulher no contexto da série "Bom dia, Verônica"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no dia 04 de Dezembro de 2023 como requisito para obtenção do grau de bacharéis em Psicologia do Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO, tendo sido aprovados pela banca examinadora composta pelos professores abaixo:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Amanda Lívia de Lima Cavalcante
Orientador (a) – Centro Universitário Fametro

Prof. Ms. Carla Juliana Loiola de Oliveira
Examinador (a) 1 – Universidade Federal do Ceará

Prof. Esp. Karen Stefanny Crisostomo Ramos
Examinador (a) 2 - Centro Universitário Fametro

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todos os anos trilhados até aqui.

Segundamente, à minha mãe, Jocelia, por ser quem és e por ter me proporcionado tantas dádivas, além da minha vida. Obrigada por não ter me deixado desistir e por ter me olhado com tanto amor, carinho, esperança e fé. A ti dedicarei todos os meus trabalhos, minhas conquistas e minha vida.

Agradeço ao meu pai, Ambrozio, por ter sido leveza em momentos tão difíceis, por se orgulhar de mim desde os menores aos maiores passos. A ti sou grata por tudo que já me ensinou.

Ao meu irmão, Guilherme, por ter me ensinado tantas coisas desde a sua chegada. Obrigada por me fazer sorrir e ser para além de irmão, meu amigo e confidente.

A todas as mulheres de minha vida, que fazem parte de mim e de tudo o que me constitui. Principalmente, à minha avó, Maria, por ter me ensinado sobre força e superação. À minha tia (mãe dedé) Luciene, por ter cuidado de mim nos meus primeiros anos de vida e por ter me ensinado a escrever.

Ao meu namorado, Milton, por sempre relembrar e reconhecer o potencial que há em mim. Por ser rede de apoio e me auxiliar em tudo que é possível. Por você, sou grata desde o primeiro dia em que entrou em minha vida.

À minha melhor amiga e dupla desse trabalho, Naila. Obrigada por ser minha companheira, amiga, confidente e parceira. Obrigada por todo o acolhimento, escuta e afeto durante esses cinco anos, você é um presente da faculdade, espero que nossa amizade possa ultrapassar os muros da Unifametro.

À nossa orientadora, Amanda Lívia, por todo o conhecimento adquirido durante o curso e pelo aceite à esta orientação. Por todo o afeto e admiração compartilhados até aqui. Espero que saiba que por onde passa, deixa sua marca de força e bondade.

Aos meus amigos de turma, por toda a leveza em que tornaram a graduação, por toda a ajuda compartilhada, todo desabafo ouvido, vocês sempre estarão comigo de alguma forma e serei eternamente grata por todo o afeto compartilhado entre nós.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela minha existência e por ser minha calmaria em todos os momentos de angústias. Obrigada, Deus, por tanto amor e cuidado. Obrigada pela força que me presenteia todos os dias.

À minha mãe Valdenete, fonte do maior amor do mundo. Obrigada por ser meu exemplo de força, fé, amor, sabedoria e luta. Seu exemplo de fé e força, me motiva diariamente. És minha maior inspiração e meu porto seguro. Obrigada por ser minha mãe e melhor amiga. Esta realização foi graças ao seu amor e luta diária. Agradeço ao papai do céu por ter me presenteado com a melhor que eu poderia ter. Esta conquista é dedicada para você.

Ao meu pai Marcos, que sempre me apoiou em todos os momentos e pela sua disposição em me ajudar. Obrigada pelos seus ensinamentos diários e por compartilhar suas experiências sobre a vida. Obrigada pelo seu amor e cuidado. Agradeço por tanto apoio em todas as minhas conquistas e principalmente na minha formação.

À minha avó Valdelice, por tanto amor e dedicação. Obrigada por ser também meu exemplo de força, sabedoria e fé. Obrigada por tanto aprendizado. Obrigada pelas incontáveis ajudas para que eu pudesse chegar até essa conquista. Obrigada por me amar tanto. Deus me abençoou imensamente quando escolheu você para ser minha avó.

Aos meus dois anjos que estão presentes todos os dias nos meus pensamentos, meu avô e meu tio. Ambos foram exemplos de força. Meu avô que até seu último dia de vida estava presente em minha vida, nas minhas dores e conquistas. Obrigada por tanto cuidado, dedicação e zelo. Meu tio que me ensinou tanto com sua resistência. Essa conquista é para vocês.

Às minhas tias Valderlandia e Everlania, por tanto cuidado e afeto desde a gestação da minha mãe. Agradeço por tanta ajuda durante o período da graduação, foram fundamentais para a realização desse sonho. Obrigada por me incentivarem e apoiarem tanto em todas as minhas conquistas.

Ao meu namorado Luan, pelo seu cuidado, apoio e denço. Agradeço por compartilhar suas experiências de vida comigo. Obrigada pelas incasáveis vezes que ouviu minhas incertezas, meus medos e choros. Obrigada por estar ao meu lado, incetivando-me nos meus sonhos e lembrando-me da minha trajetória até aqui.

À minha amiga Karoline, minha dupla de tcc e da vida. Obrigada por trilharmos juntas essa etapa tão difícil e ao mesmo tempo tão incrível. Agradeço pela amizade e por ter tornado uma irmã. Sem dúvidas tudo tornou-se mais leve com o nosso companheirismo, irmandade e compreensão. Obrigada pelas nossas trocas, pelo apoio, cuidado e afeto. É um presente tê-la em minha vida.

Aos meus amigos do curso que estiveram comigo desde o primeiro semestre. Agradeço pela amizade, companheirismo, trocas e os momentos que vivenciamos juntos. Experimentar e caminhar com vocês foi incrível. Obrigada por deixarem esta trajetória leve e com tantos significados.

À minha queria orientadora, Amanda Lívia, por tanta dedicação, ajuda, competência e disponibilidade. Sou imensamente grata por tantos saberes e experiências que nos proporcionou.

Obrigada por tanto, e principalmente por ter topado e feito parte deste momento tão significativo de nossas vidas. Te admiro e você me inspira.

Aos meus professores, agradeço por tantos saberes compartilhados durante esses cinco anos. Obrigada pelo processo de formação, sou imensamente grata. Vocês foram fundamentais para a realização desta conquista.

“Prefiro queimar o mapa, traçar de novo a estrada e ver cores nas cinzas e a vida reiventar”.

(Francisco, el Hombre)

A DOR QUE NÃO CESSA: análise da(s) violência(s) psicológica(s) contra a mulher no contexto da série "Bom dia, Verônica"

Karoline Beatriz Nogueira Rabelo

Naila da Silva Braga

Amanda Lívia de Lima Cavalcante

RESUMO

O presente estudo discute sobre a violência psicológica, esta que é a forma de violência mais invalidada historicamente. A pesquisa foi feita a partir dos estudos e das leis já existentes sobre violência contra a mulher. Outro recurso de extrema relevância para a elaboração do referido trabalho foi a série brasileira, original da Netflix, “Bom dia, Verônica” divulgada em 2020. Assim, é importante ressaltar que este trabalho, apesar de possuir o foco para a violência psicológica, não negligenciará outras formas de violência, visto que todas estão interligadas e fazem parte de um ciclo, como poderá ser identificado no decorrer da pesquisa. Ademais, o objetivo geral consiste em analisar de que forma a violência psicológica impacta a saúde mental de mulheres adultas no contexto dos relacionamentos conjugais a partir da série “Bom dia, Verônica”. O percurso metodológico se caracteriza com base na pesquisa de natureza qualitativa do tipo análise documental. Esse método dispõe de materiais que ainda não receberam tratamento analítico, sendo as fontes primárias, enquanto a pesquisa bibliográfica considera, estudos que tenha recebido este tratamento, ou seja, são as fontes secundárias. Para melhores compreensões, optou-se por elaborar o *locus* da investigação, o qual contém cenas e falas que serão utilizadas para análise no decorrer do trabalho. Dessa forma, pôde-se compreender os impactos psicossociais da violência psicológica, como ela pode ser identificada como a porta de entrada para outros tipos de violência e de que forma, aos poucos, ela mina a subjetividade, a autonomia, dentre outras perdas simbólicas de suas vítimas. Por fim, compreendeu-se a necessidade de analisar também os fatores de proteção para que os danos desse tipo de violência sejam reduzidos, para que as mulheres não sejam mais silenciadas e para que essa dor possa, enfim, ser cessada.

Palavras-chave: Violência psicológica; Violência contra a mulher; Relacionamento conjugal; Saúde mental feminina.

ABSTRACT

The present study discusses psychological violence, which is the most historically invalidated form of violence. The research was carried out based on existing studies and laws on violence against women. Another resource of extreme relevance for the preparation of this work was the Brazilian series, original from Netflix, “Bom dia, Verônica” released in 2020. Therefore, it is important to highlight that this work, despite focusing on psychological violence, will not neglect other forms of violence, as they are all interconnected and form part of a cycle, as can be identified during the research. Furthermore, the general objective is to analyze how psychological violence impacts the mental health of adult women in the context of marital relationships based on the series “Bom dia, Verônica”. The methodological path is based on qualitative research of a documentary analysis type. This method has materials that have not yet received analytical treatment, being the primary sources, while bibliographic research considers studies that have received this treatment, that is, they are secondary sources. For better understanding, it was decided to elaborate the locus of the investigation, which contains scenes and statements that will be used for analysis throughout the work. In this way, it was possible to understand the psychosocial impacts of psychological violence, how it can be identified as the gateway to other types of violence and how, little by little, it undermines subjectivity, autonomy, among other symbolic losses of their victims. Finally, it was understood the need to also analyze protective factors so that the damage caused by this type of violence is reduced, so that women are no longer silenced and so that this pain can, finally, be stopped.

Keywords: Psychological violence; Violence against women; Marital relationships; Female mental health.

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo se caracteriza por trazer discussões acerca da violência psicológica contra mulheres em relações de conjugalidades. Para Hirigoyen (2006), a violência psicológica é definida quando se adota uma sequência de atitudes ou de expressões que se dispõem a desdenhar ou negar o modo de ser da outra pessoa. Segundo Cunha (2010), a violência presente nos relacionamentos conjugais é definida como toda ação determinada a produzir sofrimento moral ou dano psicológico em alguém e que essa vem a ocorrer, principalmente, nas residências das vítimas, fator este que dificulta uma maior visibilidade de tal.

Nesse sentido, é importante compreender que há uma invisibilidade das violências psicológicas sofridas por mulheres que é corroborada em nossa sociedade, através dos comportamentos enraizados e produzidos de um modelo patriarcal. Araújo (2008) diz que essas formas de violências entendidas como estruturais, cometidas contra o gênero feminino, acontecem pela posição do “ser mulher”, uma vez que é evidente as desigualdades no contexto sociocultural existentes entre os gêneros, sendo desenvolvidas ao longo da história, reproduzindo-se uma relação marcada de dissemelhanças, inferioridade e abusos de poder.

Para uma melhor compreensão desse fenômeno, foi analisado, através dos corpos dos personagens fictícios Janete e Brandão da série brasileira “Bom dia, Verônica” (2020), de Raphael Montes e Ilana Casoy, a complexidade que este termo “violência psicológica” carrega. Assimilando que a violência contra a mulher é um fenômeno complexo e multidimensional, compreende-se que a violência psicológica pode estar atravessada de outras formas de violência como: física, sexual, patrimonial, por exemplo, assim, é importante situar que, embora o objeto de estudo desta pesquisa seja a violência psicológica no contexto conjugal, não foram negligenciadas outras formas de violências presentes na análise da série que motivou o presente estudo.

Para a realização deste estudo e diante do que foi citado, formulou-se a seguinte questão de pesquisa: de que forma a violência psicológica contra a mulher pode ser manifestada no contexto conjugal e afetar a saúde mental da vítima?

A relevância dessa questão se faz na concepção de que esse tipo de violência, não envolve marcas físicas aparentes, o que torna sua legitimização mais dificultosa por parte da sociedade. No próprio âmbito legislativo, somente em 2021 houve a tipificação da violência psicológica no Código Penal Brasileiro a partir da Lei 14.132/21 (Brasil, 2021). Esse contexto, aponta historicamente para uma lacuna de pesquisa importante de ser investigada no âmbito das violências contra a mulher, o que nos leva ao pressuposto teórico de que a violência psicológica pode ser uma das mais silenciadas e invalidadas.

Com base no problema de pesquisa exposto, o objetivo geral deste estudo se configura em: analisar de que forma a violência psicológica impacta a saúde mental de mulheres adultas no contexto

dos relacionamentos conjugais a partir da série “Bom dia, Verônica”. Como objetivos específicos, tem-se: I) investigar as diferentes formas de violência psicológica presentes em relacionamentos conjugais; II) avaliar o impacto da violência psicológica na saúde mental das mulheres adultas que estão em relacionamentos conjugais abusivos e III) explorar os fatores de risco e de proteção que podem romper com o ciclo da violência ou potencializá-lo.

Dessa forma, a presente pesquisa se justifica com base no atual cenário, onde os diversos tipos de violência contra a mulher têm acontecido incessantemente. “No período de 2011 a 2021 [...], o país teve mais de três milhões de casos de violências (física, psicológica/moral, tortura, sexual, negligência/abandono) registrados no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde - DATASUS (Tonel *et al.*, 2022, p. 40). Nesse contexto, a temática com enfoque na violência psicológica, se faz necessária para promover reflexões e conhecimentos acerca das consequências trazidas por esses tipos de violência, visto que, até hoje é deslegitimada.

O referido estudo poderá vir a ter relevância tanto para mulheres, quanto para homens, podendo ser esses vítimas ou produtores de tal violência. Além disso, poderá contribuir para a população de estudantes na área da saúde e da social, visto que esses também são agentes de informação para a sociedade. Dessa forma, dará voz aos gritos silenciados pela sociedade majoritariamente machista.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Tipo de pesquisa

A presente pesquisa assume natureza qualitativa, qualificando-se como análise documental. De acordo com Knechtel (2014), a pesquisa qualitativa se caracteriza por enfatizar a natureza socialmente desenvolvida a partir do contexto, dado que existe uma relação entre o pesquisador e o objeto de estudo experienciando o processo da pesquisa, no qual, cria-se e possibilita-se uma profundidade de significado dos fenômenos sociais.

A pesquisa documental se dispõe a produzir outras informações e novas formas de compreensão do fenômeno (Sá-Silva; Almeida & Guindani, 2009). Ademais, a pesquisa documental se identifica por meio de fontes primárias, as quais não receberam tratamento analítico. Posto isso, para a construção do presente estudo, foi realizado uma análise documental da série intitulada “Bom dia, Verônica”, do ano de 2020.

2.2 *Locus* da investigação

O presente trabalho possui como um de seus objetos de estudo, a série brasileira original da Netflix, “Bom dia, Verônica”, estreada em 1º de outubro de 2020, baseada no livro de mesmo título escrito por Ilana Casoy e Raphael Montes. Vale ressaltar que a escolha da série se deu pela sua origem

brasileira e por seu ano de publicação, levando em consideração a importância de sua atualidade para relação entre ficção e realidade do presente trabalho.

Nela são retratadas histórias de diversas mulheres que convivem e sofrem com o sistema misógino e patriarcal atual. Dentre tais mulheres, tem-se a protagonista, Verônica Torres, escritora da delegacia de Homicídios de São Paulo, que para além de seu posto de escritora, adota uma postura investigativa diante de toda injustiça que ela, como mulher crítica e justa, consegue enxergar no seu âmbito de trabalho.

Ademais, no decorrer da primeira temporada, Verônica direciona todo o seu foco e atenção para os casos de violência doméstica contra mulheres. O que pode ser percebido por meio de sua disponibilidade na TV, em rede nacional, para ajudar e acolher mulheres que sofreram qualquer tipo de golpe ou violência. Diante disso, nos é apresentado a personagem protagonista deste trabalho, Janete Cruz que é acolhida por Verônica, em meio aos atos de violência psicológica, física, sexual e patrimonial que sofre pelo seu marido, o tenente coronel Brandão, abusador de Janete e de tantas outras vítimas que possuem a infelicidade de entrar em sua vida.

Vale ressaltar que a série possui diversas metáforas, dentre elas a gaiola e os pássaros que nela habitam. Brandão apelida “carinhosamente” Janete de “passarinha”, e no decorrer da série pode ser identificado o quão Janete é presa e tem sua subjetividade roubada por ele. Além disso, a série conta com uma atmosfera “*darkside*”, ou seja, possui um lado mais sombrio, pois para além de abusador, Brandão também é um serial killer, que, junto de Janete, sua cúmplice por consequência, abordam mulheres na rodoviária para participar de um ritual.

Nesse ritual, Brandão coloca uma caixa com um único furo na cabeça de Janete, para que ela possa ver um pouco do que está acontecendo, o que é o suficiente para traumatizá-la e amedrontá-la. Em seguida, Brandão abusa sexualmente e coloca ganchos nas costas dessas mulheres, como se fossem pássaros. Assim, Brandão com seu privilégio de ser um homem, branco e policial no Brasil, vai somando o número de vítimas.

Portanto, o foco da atual pesquisa, é o casal Janete e Brandão, que para além do “*darkside*” mencionado, vivem na trama uma realidade de muitos casais heterossexuais atualmente: relacionamentos abusivos nos quais se têm mulheres enquanto vítimas. Destarte, a série “Bom dia, Verônica”, mostrou-se como uma representação da realidade atual, a qual pode e deve ser combatida por meio do reconhecimento das violências visíveis e invisíveis e construção de justiça, e por isso, cabe responder aos objetivos propostos nesta pesquisa a partir dessa análise fílmica.

2.3 Personagens principais

A série conta com uma diversidade de personagens que se interligam, serão citados aqui os mais

relevantes para a análise fílmica deste trabalho. A protagonista da série, que possui o seu nome no título, Verônica Torres (interpretada por Tainá Muller), é uma escritã da Delegacia de Homicídios de São Paulo, mulher, branca, casada e mãe de dois filhos. Porém, Verônica, ao se deparar com as injustiças acontecendo no cotidiano de seu ambiente de trabalho, acaba não exercendo apenas a função de escritã, assim, já no primeiro episódio da série, disponibiliza-se para auxiliar nas denúncias de violência contra a mulher, em uma entrevista de TV. Ademais, é assim que Janete Cruz (interpretada por Camila Morgado) mulher, branca, dona de casa e a protagonista deste trabalho, conhece Verônica.

Janete se interessa pela chamada de Verônica, pois ela se encontra em um contexto de relacionamento conjugal abusivo com seu marido Cláudio Brandão (interpretado por Eduardo Moscovis), esse que é um tenente coronel aclamado por seus colegas de trabalho, mas esconde algo que poucos conhecem, Brandão comete diversos feminicídios, com mulheres que estão em busca de emprego na rodoviária, e Janete é obrigada a participar de tais crimes como cúmplice, pois ela exerce a função de dar “oportunidade” de emprego para essas meninas. Brandão não comete somente tais violências contra outras mulheres, sendo uma de suas principais vítimas, Janete, que sofre cotidianamente nessa relação com marido abusivo.

Por fim, Janete se encontra sem rede de apoio alguma, visto que mora sozinha com ele e pensa que jamais terá subsídio para denunciar um homem com tanto poder na polícia, porém, Janice Cruz (interpretada por Marina Provenzano), sua irmã mais nova, aparece de surpresa na casa deles e começa a enxergar aspectos do relacionamento de Janete e Brandão que a preocupam. Vale ressaltar que Janice é do interior e Janete morava com ela e sua mãe antes de conhecer Brandão. Ao iniciar o relacionamento, Brandão fez com que Janete cortasse todo e qualquer contato com sua família, o que será analisado durante o percurso deste trabalho.

2.4 Construção do *corpus* e Procedimento de análise

Inicialmente, para a construção do *corpus* do presente estudo, foram analisadas cenas que evidenciam a violência psicológica no contexto conjugal do casal fictício Janete e Brandão, assim, pôde-se articular com o objetivo geral e os objetivos específicos delimitados na introdução. É importante reforçar que, conforme citado anteriormente, também entrou nas análises outras formas de violência(s) a partir do que a série trazia, por se compreender a complexidade e as dinâmicas das violências que podem ocorrer de diversas formas.

Posto isso, após a escolha da série “Bom dia, Verônica”, o período de análise se realizou entre setembro a outubro de 2023. Com o intuito de uma melhor compreensão das cenas e associação aos objetivos propostos, foi utilizado como recurso um diário de campo, em que se eram descritas observações e o contexto das cenas escolhidas, incluindo os minutos de cada uma para um melhor rastreamento. Segue abaixo a organização dos recortes das cenas e das narrativas a serem analisados nos resultados e discussões.

TEMPORADA 1

1º episódio:

Cena 1: “O bom marido” (minutos 10:41 a 12:05): essa é a primeira cena em que é apresentado o casal protagonista deste trabalho, Janete e Brandão. Após sofrer um aborto espontâneo, o casal chega em casa do hospital. Tendo em vista a situação sensível vivenciada por eles, Brandão se mostra como um marido acolhedor e amável para com Janete.

Cena 2: “A violência velada” (minutos 22:05 a 27:30): Janete pede permissão ao Brandão para ligar para sua irmã que mora no interior, nesse momento, o telespectador pode notar algo de estranho, tendo em vista que Janete não possui um celular e ainda pede permissão para ligar para uma familiar. Além disso, Janete também pede dinheiro para comprar comida para fazer o jantar deles. . Portanto, pode ser identificado aos poucos o isolamento e falta de autonomia, em que a personagem se encontra.

Cena 3: “O jantar” (minutos 29:05 a 31:52): Brandão chega do trabalho e Janete coloca a mesa do jantar, ao se movimentar, Janete deixa um pouco de sopa cair na blusa de Brandão e logo fica assustada pedindo desculpas, Brandão se revolta e joga todo o resto da sopa em sua blusa e depois rasga, em seguida, dispara falas violentas contra Janete.

Cena 4: “A ajuda” (minutos 33:49 a 34:22): Verônica aparece na TV e se disponibiliza para ajudar mulheres que sofreram com quaisquer tipo de violência e Janete a vê pela primeira vez.

3º episódio:

Cena 1: “O pedido de ajuda” (minutos 00:20 a 02:08): no decorrer da narrativa, pode-se identificar momentos em que Janete reconhece que precisa de ajuda, nessa cena, ela liga para Verônica como um pedido de socorro, mas acaba se arrependendo.

Cena 2: “O mundo à sua volta” (minutos 32:10 a 36:01): irmã de Janete aparece de surpresa em sua casa, ao convidar Janete para sair de casa e fazerem um simples passeio na feira, Janete tem uma crise de ansiedade e não consegue passar da esquina. A irmã, ao identificar certas estranhezas, como Janete não ter celular e não possui wi-fi em sua casa, sua irmã dispara “essa não é você”. Aqui se percebe que Janete teve toda sua subjetividade roubada e foi mortificada em vida, perdendo sua autonomia e liberdade.

Cena 3: “Meu cabelo não é meu” (minutos 43:24 a 45:00): após saber que Janete tinha guardado uma passagem que sua irmã a deu, Brandão como forma de punição, corta metade do cabelo de Janete.

4º episódio:

Cena 1: “Conversa com especialista” (minutos 06:52 a 08:25): Verônica conversa com Eneida Lima, que trabalha na Delegacia da Mulher para tirar dúvidas sobre quais são as opções de Janete diante sua situação de vida. Eneida relata que “as agressões visíveis são só a ponta do iceberg, o que a gente não vê é o isolamento, a agressão verbal e a ameaça”.

6º episódio:

Cena 1: “Medo” (minutos 14:51 a 20:22): no contexto desta cena pode ser percebido que Janete não confia em Brandão, principalmente com pessoas que ela ama, no caso, sua irmã. Assim, uma “simples” carona que Brandão deu a sua irmã pôde ser encarada com níveis grandes de medo.

7º episódio:

Cena 1: “Em busca de respostas” (minutos 01:39 a 02:20): Janete tenta entender o que motiva Brandão a cometer tantos crimes, visto que apesar de estarem em um relacionamento afetivo, ela pouco sabe sobre a história dele.

Cena 2: “O recomeço” (minutos 13:20 a 15:00): Verônica encontra Janete e descobre que ela está grávida, Verônica tenta alertar sobre a dificuldade que será ter o Brandão como pai de seu filho, Janete enxerga a gravidez como uma fonte de mudança e que Brandão vai mudar de comportamento. Além disso, Janete se irrita com a tentativa de Verônica ajudá-la, pois existem limites que Verônica não pode ultrapassar.

Cena 3: “O fim” (minutos 42:50 a 45:58): Após tentativa de fuga de Janete, Brandão a prende na cadeira e atea fogo nela, assim, matando-a.

O procedimento de análise desta pesquisa é realizado a partir de uma revisão bibliográfica. Oliveira (2008) compreende como uma modalidade de estudo e de análise de documentos de conhecimento científico, tendo em vista, o contato imediato com documentos conexos ao tema em estudo. A pesquisa bibliográfica se caracteriza pela análise de fontes secundárias, dado que incluem toda a bibliografia tornada pública em relação ao tema.

A pesquisa foi realizada a partir do período do mês de setembro a novembro de 2023. Com finalidade de desenvolver a pesquisa bibliográfica, foram utilizadas as categorias teóricas a seguir presentes na série: formas de violência psicológica contra a mulher no contexto conjugal, saúde mental da mulher, culpabilização da vítima, impactos psicossociais. Foram selecionados critérios de inclusão e exclusão para o estudo, segue a tabela:

INCLUSÃO	EXCLUSÃO
Produções acadêmicas que abrangem os descritores a partir de 2006 considerando o marco legal da Lei Maria da Penha;	Relacionamentos homoafetivos;
Descritores que se relacionam com o objeto de estudo: saúde mental, violência contra a mulher e impactos psicossociais.	Mulheres Solteiras.

Para a construção do estudo, foi realizado uma revisão bibliográfica utilizando artigos das bases SCIELO, PEPSIC, EBSCOhost, o livro “A violência no casal” de Marie France Hirigoyen, entre outros instrumentos que abordem a temática violência contra a mulher.

A fim de uma melhor compreensão dos resultados e discussão, foi realizada uma divisão de três seções, na qual a primeira seção discorrerá sobre como a violência psicológica se apresenta no contexto conjugal através dos personagens Brandão e Janete. Na segunda seção, serão apresentados os impactos psicossociais produzidos pela violência psicológica por meio das cenas que apresentam esta realidade. Na terceira seção, serão desenvolvidos os fatores de risco e proteção acerca da complexidade desta violência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Janete e Brandão: um retrato da violência psicológica nos relacionamentos conjugais

Esta seção pretende discutir as diferentes formas de apresentação da violência psicológica no relacionamento conjugal dos personagens Janete e Brandão, apresentando um comparativo entre ficção e realidade. É importante ressaltar que, embora a pesquisa tenha um foco principal na violência psicológica, não serão negligenciadas outras formas de violência contra a mulher a qual a série faça menção. Portanto, será realizada uma discussão a partir dos resultados de pesquisa dos artigos e dos recortes da série escolhidos presentes no tópico “construção do *corpus*” do percurso metodológico.

De acordo com Maldebaum *et al* (2016), entende-se a violência como uma forma de atuação, experimentação e compreensão a partir dos modos singulares com que cada um percebe a realidade e interage com ela, modos esses que também se originam na história pessoal e familiar de cada indivíduo. Com isso, é fundamental discutir esse fenômeno de forma complexa e multidimensional, de modo a compreender a forma estrutural das violências que podem se apresentar de diversas formas. Conforme aponta Chauí (2017, p. 04):

Etimologicamente, “violência” vem do latim *vis* força e pode ter cinco significados distintos, mas que se correlacionam. Dentre eles, 1: aquilo que age usando a força com o objetivo de ir contra a natureza de algum ser, ou seja, o ato de desnaturar alguém, o transformando em coisa; 2: toda ação de força que vai contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém, por exemplo, os atos de coagir, de constranger e de torturar; 3: toda conduta de violação da natureza de alguém; 4: toda prática de desrespeito ou de violação contra ações que alguém ou uma sociedade definem como justas e como um direito; 5: violência como um ato de brutalidade, atrocidade e abuso físico e/ou psíquico contra alguém, por meio do medo e do terror.

Historicamente, o sistema de dominação e de exploração mais antigo é o patriarcado, que se constitui como um sistema de relações sociais em que prevalece a dominação do gênero masculino sobre o feminino em suas diversas formas, e mantém suas marcas na estrutura social padronizando as formas das relações cisgêneros e heteronormativas. O que têm como consequências, as violências física, psicológica, sexual, patrimonial e moral praticadas contra as mulheres, essas indicam que homens e

mulheres têm uma participação desigual, na sociedade, em função do seu gênero (Cunha, 2017).

Como forma de apresentação da violência psicológica identificada na série, será feita a análise da cena 2 do 3º episódio da 1ª temporada. Em vista de uma melhor compreensão, segue o contexto desta: Janete mora com Brandão e Janice, sua irmã, chega de surpresa na casa deles para vê-la, pois não mantinham contato há muito tempo. Após passar dois dias na casa deles, Janice nota algumas situações que quebram suas expectativas com relação ao casamento e ao bem-estar de sua irmã. O que pode ser identificado em sua fala:

Janice (irmã de Janete): *eu não sou cega, Nete. Cadê minha irmã, linda falante, com os olhos brilhando, que eu sempre admirei tanto? Seus olhos não brilham mais, Nete. Parece incomodada o tempo todo. Com medo de sair na rua. Preocupada em ser perfeita, agradar. Em falar a coisa certa, na hora certa. (1º temporada, episódio 3, minutos 32:10 a 36:01 – grifo nosso).*

Com essa cena, pode ser compreendido como a violência psicológica mina a subjetividade e a autonomia de sua vítima, visto que Janete se torna outra pessoa aos olhos de sua irmã que a conhecia antes de Brandão chegar em sua vida. Portanto, capta-se a necessidade de que um terceiro, fora da relação, possa ter a função de “abrir os olhos” da vítima, mostrando-se como uma rede de apoio.

Nesse contexto, quebra-se o ditado machista de que: “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”, esse que é tão presente no imaginário popular e, de certa forma, contribui para a perpetuação dessas violências. Desse modo, faz-se necessária uma análise crítica dentro do contexto atual, em que se foram construídos novos avanços acerca dos estudos das violências contra a mulher e suas complexidades, com o intuito de que tais dialetos não passem despercebidos e não sejam naturalizados.

Outrossim, ainda no terceiro episódio da primeira temporada, antes de ir embora, a irmã de Janete compra uma passagem para que ela volte ao interior e more com sua família, porém ela nega o pedido, mas guarda a passagem e sua irmã vai embora. Em seguida, Brandão encontra a passagem, fica enfurecido e corta o cabelo de Janete como forma de punição e de demonstração de poder (minutos 43:24 a 45:00). Nesse ínterim, podem ser identificados sinais de violência física, essa que tem por definição:

Qualquer forma de agressão física; punição corporal em que a força física é usada; estapear; socar; atirar; chutar; acertar; cortar; empurrar; tentar estrangular ou queimar; ameaçar ou atacar com faca, revólver ou outra arma; puxar cabelo; bater contra algo; usar intencional de força física ou poder contra si mesmo, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade; usar a força como forma de ameaçar, reprimir, intimidar ou punir alguém; associado a lesões; para assustar (Bonamico *et al*, 2022, p. 06).

Ademais, vale ressaltar que em uma mesma ação pode ser identificada mais de uma forma de violência. Por exemplo, na cena relatada anteriormente, para além da violência física, identificou-se sinais de violência psicológica, uma vez que o cabelo faz parte da construção da identidade, podendo ter a representação social de empoderamento e a autoestima da mulher. De acordo com Butler (1988, p.5) “O corpo não é meramente matéria, mas uma materialização contínua e incessante de possibilidades.” Ou seja, tais representações são compostas por “objetos” de gênero e o cabelo longo pode ser um exemplo desses, dessa forma, ao cortar o cabelo de Janete, Brandão mina não somente sua

autoestima, mas também sua identidade.

Após o acontecido, Janete encontra Verônica e ela percebe que o cabelo de Janete foi cortado e identifica que as violências estão evoluindo, o que pode ser relacionado aos resultados de pesquisa deste trabalho, visto que a violência psicológica pode ser como uma porta de entrada para outros tipos de violência e está presente nas manifestações de todas essas (Gadoni-Costa, 2011). Nesse contexto, com o intuito de compreender melhor os direitos das mulheres em circunstâncias como as da Janete, Verônica conversa com uma especialista na temática de violência contra a mulher. Segue diálogo:

Eneida (especialista): *as agressões visíveis são só a ponta do iceberg, o que a gente não vê é a agressão verbal, a ameaça. E, quando chega a agressão física, nem sempre aparece um hematoma, uma ferida. É uma técnica de tortura: bater sem marcar. E aí, ninguém desconfia, né?*

Amigo de Verônica: *e os piores são os bons maridos. Pra quem olha de fora comercial de margarina. Todo mundo feliz.*

Eneida (especialista): *agora, Verônica, cortar o cabelo já é outra história. É um estágio avançado da agressão.*

Verônica: *mais perto da morte?*

Eneida (especialista): *isso. (1ª temporada, episódio 4, minutos 6:52 a 8:25 – grifo nosso)*

A partir do que foi citado acima, percebe-se algo em comum a todos os agressores. Na grande maioria dos casos, são os considerados “cidadãos de bem”, aqueles que ninguém desconfia, como no caso do Brandão, ele¹ é um tenente coronel da PM, querido por seus colegas de trabalho e ganha medalhas de honra. Fazendo um paralelo com a realidade, de acordo com Fernanda Fernandes, delegada da Delegacia de Atendimento à Mulher, “a gente tem como padrão de agressor de violência doméstica uma pessoa que trabalha, tem uma vida social, é primário e bons atencientes” (G1, 2019). Portanto, faz-se necessário o seguinte questionamento: até quando homens serão despercebidos ou relevados por seus crimes? Até quando o privilégio masculino irá tirar vidas fisicamente e simbolicamente?

Para mais, a partir da análise das cenas, pôde-se identificar que em um mesmo episódio, Brandão comete diferentes tipos de violência para com a Janete. Para ilustrar, nas cenas 3 e 4 do 1º episódio da 1ª temporada, respectivamente, é mostrado inicialmente uma forma de violência patrimonial, que tem por definição legal: “reter, subtrair, destruir de forma parcial ou total os objetos da vítima” (Alves, 2019, p.20). Na cena, nota-se que Janete não possui celular e costuma pedir permissão para tudo que vai fazer. Como pode ser ilustrado no diálogo abaixo:

Janete: *hoje é aniversário da Nice. Sei que você não gosta que eu ligue, mas é minha irmã, né? Já não liguei ano passado.*

Brandão fica em silêncio e balança a cabeça positivamente, como quem está apenas escutando.

Janete: *vou pensar melhor. (1ª temporada, episódio 1, minutos 22:05 a 27:30 – grifo nosso)*

Nesta cena pode ser identificado como a violência patrimonial acarreta não somente na retirada material, mas também no cessar dos relacionamentos, para além do conjugal, da vítima. Haja vista que o celular é um dos maiores meios de comunicação hoje em dia, com isso, agressores como Brandão tornam-se os mediadores de como, com quem e quando a vítima pode viver. Fazendo um comparativo

¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/19/especialistas-tracam-perfil-de-agressores-de-mulheres-identifique-caracteristicas-abusivas-em-5-pontos.ghtml>. Acesso em: 8 out. 2023.

à realidade, “de acordo com os dados do painel da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, em 2022 foram registradas cerca de 22 mil denúncias de violência patrimonial no Brasil” (Almeida, 2023, p. 19).

Ainda no primeiro episódio, na cena 4, Brandão e Janete estão jantando e ela acidentalmente respinga sopa na blusa dele. Brandão olha com desaprovação e Janete levanta da mesa rapidamente para tentar limpar. Segue diálogo:

Janete: *desculpa, isso sai rapidinho, vida. Peraí.*

Brandão: *tá bom. Janete, na vida a gente tem que tentar fazer as coisas direito.*

Janete: *desculpa.*

Brandão: *se é pra fazer, faz direito. Se é pra cozinhar, cozinha direito, se é pra servir, serve direito. Se é pra fazer merda, Janete, faz direito. Não serve pra nada. Nem pra servir um jantar de merda. (enquanto isso, Brandão joga sopa em sua própria blusa). (1ª temporada, episódio 1, minutos 29:05 a 31:52 – grifo nosso)*

A partir desta cena, percebe-se que Brandão não precisou bater em Janete para violentá-la, deixando-a insegura com suas palavras contra ela e com medo pelo modo como ele agiu diante de um acontecimento inesperado. Esses são exemplos claros de violência psicológica. Desse modo, é importante trazer para discussão a Lei (11.340/06) Maria da Penha de 2006, que possui como novidade a inclusão do termo que será tratado a seguir, é considerado violência psicológica:

[...] qualquer conduta que lhe cause danos emocionais e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (BRASIL, Lei 11.340/06, Art. 7º, II).

Dessa forma, com a inclusão da violência psicológica no Código Penal da Lei Maria da Penha, avanços são percebidos e a validação dos diversos tipos de violência contra a mulher ganha força. Porém, não significa dizer que a violência psicológica é fácil de ser reconhecida, pelo contrário, muitas vezes, ela não é validada até mesmo pelas suas próprias vítimas, que podem chegar a confundir o ciúme, a humilhação, controle como uma forma de amor ou cuidado de seu(sua) companheiro(a).

Em vista disso, de acordo com Hirigoyen (2006 apud Fontes, 2017, p. 37) “alguns comportamentos são considerados como microviolências: controle, isolamento, ciúme patológico, assédio, aviltamento, ofensas, humilhações, atos de intimidação, indiferença às demandas afetivas da parceira e ameaças, assim, causam prejuízos emocionais à vítima”.

As principais pretensões adquiridas com os comportamentos de violência psicológica são os de obter a total submissão da mulher, o controle da sua vida e a manutenção do poder (Hirigoyen, 2006). O que pode se relacionar à definição de violência citada no segundo parágrafo deste tópico, em que os diversos tipos de violência visam a desumanização de suas vítimas, ignorando sua liberdade, seus desejos, seus pensamentos e suas dores, assim como Brandão faz com Janete ao longo de todos os episódios da série.

Em suma, as diversas consequências da violência psicológica citadas demonstram que mulheres não precisam ter seus corpos marcados pela agressão física para sofrerem psicologicamente e que ao mesmo tempo, as violências se estruturam de diversas formas (física, patrimonial) como exemplificado

em outros recortes explanados aqui da série.

Portanto, reitera-se a importância da compreensão desses fatores tão complexos ligados à violência contra a mulher e às relações de gênero. Sendo assim, é fundamental que a dinâmica das violências contra as mulheres seja observada dentro das estruturas que, muitas vezes, invisibilizam determinados tipos de agressões – como a própria violência psicológica, essa que pode se inserir enquanto dano psíquico em todas as outras formas de violências.

3.2 Impactos Psicossociais da Violência Contra a Mulher: compreendendo as cicatrizes invisíveis

Nesta seção, pretende-se discutir acerca dos impactos psicossociais da violência contra a mulher. E também como é possível notar no título, será realizada uma discussão em torno da compreensão acerca das cicatrizes invisíveis que deixam marcas profundas na vida de mulheres. Diante disso, serão apresentados alguns trechos da série analisada para que se tenha uma melhor compreensão do arcabouço teórico apresentado.

Ser vítima de qualquer tipo de violência traz agravos consideráveis à saúde de um indivíduo, pois essa experiência pode se tornar um gatilho para o adoecimento. Os traumas vão além de desconfortos físicos constantes e sofrimento psíquico, podendo ser complicadores à saúde da vítima (Martins; Burd, 2018). Neste sentido, a violência psicológica não costuma deixar marcas, nem cicatrizes visíveis pelo corpo, uma vez que esta carrega danos à integridade da mulher que a sofre e compromete toda a estrutura psíquica, física e social destas.

A mulher é desestabilizada e perde gradativamente a confiança em si. Mesmo que sua liberdade esteja sofrendo uma erosão gradativa, ela continua acreditando que é livre e que o homem não lhe está impondo nada. No entanto, através de microviolências ou de intimidações, ela está sendo progressivamente privada de todo arbítrio e de qualquer olhar crítico sobre a própria situação (Hirigoyen, 2006, p. 93).

Ademais, como conseqüências desse tipo de violência, as mulheres vítimas sofrem uma série de privações e muitas vivenciam processos de perdas que são invalidados pela sociedade, sendo consideradas como morte simbólica da subjetividade da mulher. Vale ressaltar uma frase do famoso artista Pablo Picasso para melhor ilustrar, “a morte não é a maior perda da vida. A maior perda da vida é o que morre dentro de nós enquanto vivemos”.

De acordo com o Instituto Maria da Penha (2009), o ciclo de violência é constituído por três fases, sendo a primeira nomeada “aumento da tensão”. Nela, inicialmente, o agressor se apresenta tenso, irritado e com raiva por conteúdos desimportantes. A vítima é humilhada e ameaçada. A mulher busca acalmá-lo, assim, desviando-se de qualquer atitude que possa perturbá-lo. Nesta fase, a vítima se encontra em negação e procura justificar os comportamentos do parceiro, acreditando que fez algo errado. Para ilustrar esta fase, segue a comunicação de Verônica e Janete:

Verônica: *você parecia bastante assustada no telefone.*

Janete: *eu exagerei, dona Verônica.*

Verônica: *não precisa me chamar de “dona”. Eu só quero conversar, Janete. O que aconteceu pra você me ligar? Desde quando o seu marido perde o controle? Ele te agride? Te humilha?*

Janete: *isso tudo é um engano. É melhor a senhora ir embora*

Verônica: *Janete, eu já ouvi muitas histórias...*

Janete: *desculpa ter feito a senhora vir até aqui à toa. (1ª temporada, episódio 3, minutos 00:20 a 00:49 – grifo nosso)*

Verônica toca a campainha da casa de Janete, apresenta-se e fala que quer escutar a história dela visto que Janete tinha feito a ligação para Verônica. Porém, Janete se encontra assustada. Nesta cena, produz traços de violência psicológica, como, perseguição contumaz, vigilância constante e isolamento (Brasil, 2006). Além disso, Janete se apresenta em negação pelo medo de Brandão descobrir, uma vez que se dá de forma sutil sem que ele diretamente esteja presente demonstrando mais traços de violência.

A segunda fase do ciclo da violência é denominada de “ato de violência”, dá-se pela falta de controle, assim, atingindo o limite e chegando ao ato violento. Em vista disso, a tensão acumulada da primeira fase se concretiza em outros tipos de violência, como a física, verbal, psicológica, moral e patrimonial. Durante esta fase, alguns sentimentos atravessam a vítima, por exemplo: ansiedade, medo, solidão, ódio, perda de si mesma (Bittar; Kohlsdorf, 2013).

A fase “ato de violência” pode ser identificada na cena em que Brandão e Janete deslocam-se até o sítio com mais uma moça, Janete consegue tirar a caixa da sua cabeça, então se dirige até moça e percebe que a mesma estava morta, logo vai até a casa da avó de Brandão, fica ao lado do galpão onde ele pratica os atos de violência contra as mulheres. Em seguida, Janete se depara com ambos realizando um ritual, no qual, a avó faz uma oração no corpo de Brandão pedindo que tire todo o pecado após praticar o ato de violência com uma das moças. A avó de Brandão observa Janete e grita “é ela, passarinho. É ela!”. Então, Brandão espanca Janete como forma de castigo, dado que Janete infringiu as normas do seu companheiro.

A terceira fase do ciclo da violência é designada de “Arrependimento e Comportamento Carinhoso” ou “Lua de Mel”. Neste momento, surge o arrependimento do agressor, que se declara afável para conquistá-la novamente, e alcançando a reconciliação. Outros sentimentos perpassam essas mulheres, destacando-se a pressão e a confusão, uma vez que acreditam na fala destes de que tudo irá mudar. Nesta fase, existe um tempo imperturbado, em que as mesmas passam a se sentirem felizes por perceberem o empenho nas modificações dos comportamentos. O que pode ser identificado na cena abaixo, em que Brandão consegue enganar até mesmo os telespectadores, motrando-se como um bom marido, após eles voltarem do hospital devido aborto espontâneo de Janete. Segue diálogo:

Janete: *desculpa, desculpa.*

Brandão: *não tem que se desculpar de nada. Tá tudo bem essas coisas acontecem [...] O que importa é que eu tô aqui, olha pra mim. Não é isso que importa? Que a gente tá junto? Que a gente é uma família? Eu sou sua família. Tenho certeza, daqui a pouco você vai conseguir me dar um filho.*

Janete: *vou.*

Brandão: *você é a mulher da minha vida, Janete. Dá um beijo aqui. (1ª temporada, episódio 1, minutos 10:41 a 12:05 – grifo nosso).*

Aqui Brandão fala que a culpa por não terem um filho não é de Janete, mas em seguida aponta

ela como a responsável. Então, os comportamentos de mudança passam a deixar ela confusa. O convívio com o agressor estabelece na vítima um olhar confuso, elaborando amedrontamento e intimidação sobre qualquer perspectiva de ressignificação de sua identidade e reconhecimento de sua autonomia (Da Silva *et al*, 2019).

A violência ocorre por meio de diversas manifestações conforme expõe a própria Lei Maria da Penha (2006), assim, produzindo impactos para a vida da vítima, fragilizando, proibindo ou restringindo amizades, descaracterizando a família da mesma como forma de inibi-la de ver e manter contato (isolamento), proibindo a ocupação de espaços que não seja o ambiente doméstico (aprisionamento), culpabilização por qualquer incômodo, acarretando sentimentos de culpa (Brasil,2006). O que pode ser representado na cena 2, do 3º episódio, em que Nice (irmã de Janete) chama para acompanhá-la até a 25 de março para comprar sutiãs para vender em Jales (interior onde Janete morava). Então, Janete questiona a irmã dizendo que a mesma já teria ido no dia anterior. Nice continua implorando Janete para ir. Janete decide ir e Nice fica sem acreditar. Para ilustrar, articulou-se com as seguintes cenas:

Primeira cena:

(Janete ao sair da sua casa mostra-se bem assustada olhando aos redores e sua irmã continua chamando – Vamos, Nete!)

Ao sair, Janete chama sua irmã e fala: “desculpa, mas eu não tô me sentindo bem. Eu preciso voltar pra casa”.

Nice: *tá sentindo o que?*

Janete: *preciso voltar pra casa, por favor. Desculpa*

Nice: *caiu sua pressão?*

Janete: *não sei, acho que sim!*

(1º temporada, episódio 3, 32:10 a 36:01 – grifo nosso)

Na primeira cena ilustrada, a irmã de Janete já havia convidado a mesma para fazer compras na 25 de março, Janete por medo de Brandão, justificou-se para a sua irmã mencionando que tinha muitas coisas para serem feitas na casa. Diante disso, Janete aceitou no segundo convite de sua irmã. Na porta de casa, a mesma não se sentiu bem. Na cena analisada, Janete apresenta ter uma crise de ansiedade e medo de sair sem a presença de Brandão. Dentre os demais tipos de violência, a violência psicológica aliada a outros fatores pode ocasionar instabilidades emocionais e por consequência afetar no seu comportamento, trazendo outros impactos psicossociais, como exemplo, depressão, síndrome de estresse pós-traumático, ansiedade, fobias, desânimo, irritabilidade, síndrome do pânico, sensação de perigo iminente, ideação suicida, tentativa de suicídio (Bittar; Kohlsdorf, 2013).

Na segunda cena, Brandão isola Janete completamente. Ao acordar, a mesma percebe que as portas e janelas estão acorrentadas. Quando Brandão chega do trabalho, Janete está no sofá assistindo e o mesmo começa a questionar para quem ela estava ligando. Janete tenta dizer que não iria ligar pra ninguém. Após isso, Brandão pega o controle da mão de Janete e coloca na TV mostrando que na casa tem câmeras instaladas e mostra a imagem de Janete pegando no celular. A mesma assustada levanta e fica olhando para o canto da parede. Ao continuar sendo questionada, ela confessa que queria ligar para a Nice. Segue a cena:

Segunda cena:

Janete [chorando]: *alguém... Alguém pode ter machucado ela.*
Brandão: *não entendi. Quem é que ia querer machucar a infeliz da Janice? Eu? Você acha que eu machuquei a sua irmã? Você acha que eu maltratei ela? Você acha que eu matei a sua irmã?*
[Brandão pega o telefone fixo, discar o número de Janice e entrega para a Janete]
Janete [fala com a sua irmã, pergunta se a mesma está bem.
Janice fala que não está podendo falar, pois está vendo umas coisas para a sua mãe.
Brandão: *eu não queria atirar naquela moça. Eu ia soltar como eu faço sempre. Mas você me desobedeceu.*
Janete: *desculpa. (1º temporada, episódio 6, minutos 14:51 a 20:22 – grifo nosso)*

É notório que Brandão afasta definitivamente a Janete do convívio social, restringindo-a de seu relacionamento com familiares. Ele a fragiliza para que não se sinta pertencente a lugar nenhum, que não seja aquele concedido por ele, e nem possa se aproximar das pessoas, nas quais ele autorize. Os sentimentos de culpa e humilhação estão presentes na dor física e psíquica e atravessam a maioria dos ciclos de violência, e é exatamente essa a intenção do agressor em relação à vítima, fazê-la se sentir culpada e humilhada.

Portanto, a violência psicológica é difícil de ser identificada, uma vez que suas manifestações são veladas. Ainda que notada, a violência psicológica por ser silenciosa, costuma ser vista pela sociedade como a menos perceptível que a violência física (Cunha, 2007). Ademais, podendo ser a base para outras formas de surgimento de violências sofridas por mulheres.

3.3 Entre Riscos e Proteção: explorando os fatores que influenciam a violência e os fatores que corroboram para o rompimento

Nesta seção, pretende-se discutir acerca dos fatores de risco e de proteção interligados à complexidade do fenômeno da violência psicológica. Tendo em vista tudo o que foi discutido até aqui, acredita-se na importância de trazer sobre o que pode colaborar indiretamente ou diretamente essa prática, além dos fatores que podem ser protetivos para o rompimento das violências. Sendo assim, o foco será voltado para o arcabouço teórico já existente sobre o tema e para o que foi elaborado a partir da análise filmica feita no presente trabalho.

Com base nos resultados de pesquisa observados, tem-se como um dos principais fatores de risco o não reconhecimento do homem como protagonista de tal violência. Como é mencionado na pesquisa de Dantas & Mélo (2008), observa-se que, trazem o termo “violência contra a mulher”, desconsiderando que essa é reproduzida, na maior parte dos casos, por homens. Dessa forma, compreende-se a necessidade de maiores estudos voltando o olhar para os reprodutores dessas formas de violência, esses que sofrem e são produtores de sofrimento. Assim, sabe-se que:

Em nossa sociedade, os homens são socializados para reprimir suas emoções, sendo a agressividade, e inclusive a violência física, formas socialmente aceitas como marcas ou provas de masculinidade. Embora nem sempre as pessoas efetuem literalmente este modelo de socialização, o que se percebe é que ele estimula uma postura destrutiva e, muitas vezes, autodestrutiva (Dantas & Mélo, 2008, p. 80).

Para trazer como um exemplo de tal movimento, na série aqui analisada, Janete, constantemente, faz essa busca de tentar entender o porquê do marido agir da forma que age, não somente com ela, mas com suas outras vítimas, o que pode ser observado na seguinte cena:

Janete: *me fala o que tem dentro da sua cabeça, por favor*

Brandão [rindo]: *você não ia aguentar entrar dentro da minha cabeça*

Janete: *é a sua mãe que te abandonou? Por que você me obriga a enganar as mulheres? Por que você machuca elas, Cláudio (Brandão)? É por causa do seu pai? Ele fazia essas coisas com a sua mãe? (1ª temporada, episódio 7, minutos 1:39 a 2:20 – grifo nosso)*

Com isso, verifica-se a necessidade de compreender a violência de uma forma mais amplificada e não somente com discursos dicotômicos, tais como: bom-mau, homem-mulher, agressor-ofendida (Dantas & Mélo, 2008). Nota-se também a indispensabilidade de uma análise fincada na estrutura patriarcal como um dos maiores fatores de risco e impedimento no rompimento de tais violências, visto que essas são perpetuadas baseadas nesta configuração e no poder adquirido pelo homem ao longo do tempo que resulta em diversos tipos de abuso atualmente.

Para além do fator de risco citado acima, tem-se outro que foi bastante contemplado nos trabalhos analisados: a falta de rede de apoio ou interrupção do apoio da família. Tal fator pôde ser observado em várias cenas de “Bom dia, Verônica”, visto que Janete mantém distância de toda a sua família e não obtém quaisquer meio de comunicação. De acordo com Siqueira & Rocha (2019), quando a vítima não possui uma rede de socialização, ela entra em um estado de vulnerabilidade maior, por se encontrar sozinha, oportuniza ao agressor a manutenção dos episódios de violência.

Com isso, a vítima pode se manter nesse ciclo por diversos anos, pois se sente presa em um labirinto sem saída positiva. Nesse contexto, Janete, ao se perceber em tal situação, verbaliza para Verônica, que está assiduamente tentando tirá-la desse limbo:

Verônica: *Janete, eu só quero te ajudar.*

Janete: *você quer me ajudar? Como? Vai me levar pra sua casa? Vai me adotar? Vai me dar a sua arma? Por favor, Verônica! (1ª temporada, episódio 7, minutos 13:20 a 15:00 – grifo nosso).*

Dessa forma, mesmo que Verônica se apresente como uma rede de apoio, Janete se encontra em vulnerabilidade financeira e social, o que corrobora com um outro fator de risco para a vítima, que é a dependência financeira, ou seja, a vítima não possui subsídio econômico algum para sair deste ciclo. Nesse ínterim, Da Fonseca (2006, p. 10), afirma que:

Quando há uma dependência financeira da mulher em relação ao homem, seja pelo fato de ter se submetido à proibição de trabalhar imposta por ele, ou mesmo pela dificuldade ou comodidade de não ter um emprego, esta se torna obrigada a recorrer ao marido, sempre que necessitar de dinheiro, situação que favorece a violência, pois, em muitos casos, o homem utiliza seu poder econômico como forma de ameaçá-la e humilhá-la.

A partir disso, ainda em uma das primeiras cenas em que o casal analisado neste trabalho é apresentado, inicialmente, já é possível identificar que Janete possui uma certa dependência financeira em Brandão, segue a cena:

Janete: *vida, tem 50 reais para comprar uma carne gostosa para o jantar?*

Brandão: *[tira duas notas de 20 da carteira e coloca na mesa para ela pegar]. (1º temporada, episódio 1, minutos 22:05 a 27:30 – grifo nosso)*

A relação de poder pode ser identificada também nos detalhes, tendo em vista que Brandão dá um valor menor que o pedido por Janete, para que não sobre dinheiro e ela não possa juntar, e ter, mesmo que minimamente, uma quantia em dinheiro para chamar de sua. Nota-se que tal relação é mediada pelo controle, para além do controle financeiro citado acima, há também o controle social, este que foi identificado, na série, como uma das principais causas de permanência de Janete nesse relacionamento abusivo.

Para mais, além de não possuir uma rede de apoio, Janete encontra dificuldade de acessar às denúncias, visto que, por falta de um meio de comunicação, fica à parte do mundo que à cerca. Todavia, Verônica entra em cena como a “salvadora”, e a primeira vez que Janete a vê, é por meio de uma entrevista na TV. Para uma melhor compreensão, segue contextualização da cena: Verônica estava trabalhando em um caso que um homem enganava mulheres por meio de um site de namoro, fazia com que ela se apaixonassem por ele e em seguida, dava um “boa noite, cinderela” nelas e as roubava. A seguir, falas da Verônica em sua entrevista:

Verônica: *eu sei que, como ela, tem muita mulher em casa, nesse momento sem voz. Sem esperança e com medo de denunciar e medo de pedir ajuda. Se você tá passando por uma situação assim, me procura. Pode ligar pro 3747-2600.*

Janete: *[anota o número em uma palavra cruzada que estava jogando]. (1º temporada, episódio 1, 33:49 a 34:22 – grifo nosso)*

Destarte, com este estudo, essa série e tantos outros trabalhos já publicados, nota-se um objetivo em comum, não mais silenciar e nem inviabilizar as violências cometidas contra mulheres. Assim, produzir mais Verônicas, que lutam e se fazem presentes nas causas aqui citadas.

Para além dos fatores de risco citados acima, escolheu-se também falar sobre os fatores de proteção ligados a esse contexto, levando em consideração as políticas públicas já existentes e as possíveis soluções para a vítima em meio a vulnerabilidade de tal cenário.

O sofrimento psíquico da mulher na contemporaneidade se manifesta de forma estruturada e silenciada. As vivências ao longo da vida são históricas, simultaneamente e culturalmente produzidas como também diferentes daquelas experimentadas pelos homens. A mulher que sofre ou sofreu em algum momento de sua existência violências perpetradas pelo seu companheiro, comumente, é desencadeado impactos na história de vida destas, como citado na seção anterior. Assim “a pessoa sob jugo não é mais senhora de seus pensamentos, está literalmente invadida pelo psiquismo do parceiro e não tem mais um espaço mental próprio” (Hirigoyen, 2006, p.182).

Nesta perspectiva, tem-se com um fator de proteção a importância do atendimento psicológico para com mulheres vítimas de violência. Primeiramente, é necessário a capacitação de profissionais da área de psicologia em relação às questões sobre violência. E depois, é indispensável estabelecer um vínculo de confiança e segurança com a vítima. Em vista disso, essas sentirão segurança para partilhar as vivências que atravessaram diante do acontecimento traumático (Augustin; Bandeira, 2020).

A fim de obter efetividade no atendimento com as vítimas, é de grande relevância articular os conhecimentos da atuação do psicólogo com outras áreas do conhecimento e outras instituições presentes no processo em que a vítima e o autor estão inseridos, como exemplo: o contexto jurídico e social.

Para mais, como finalidade do atendimento psicológico às vítimas, realizar uma escuta ativa e qualificada, uma vez que as levam a compreender suas experiências. Outrossim, o profissional de psicologia auxiliará no processo de reconhecimento em que a mulher experienciou uma situação de violência praticada pelo seu parceiro, dado que a violência psicológica é difícil de ser identificada. Posto isso, haverá um entendimento e uma tomada de consciência dessas vivências, a vítima se preservará da violência, tal como restaurar a sua identidade, capacidade de reconstruir sua autonomia para tomar decisões próprias, e um novo olhar sob a vida que foi rompida durante tal fato.

Considerando-se a série, pode ser percebido a gravidez como um fator de proteção. Janete sempre sonhou em engravidar, uma vez que com a vinda do filho, ela acreditava que seu companheiro Brandão, findaria com suas práticas de violências para com ela e outras mulheres. Para uma melhor compreensão, segue a conversação entre Janete e Verônica:

Verônica: *eu sei que deve ser muito difícil pedir ajuda. E que parece impossível sair dessa prisão, mas não é. Acredita em mim. Dessa vez alguma coisa aconteceu diferente, não foi? Seja lá o que tenha acontecido a culpa não é sua.*

Janete: *a senhora não sabe de nada. A culpa é minha (2x). [Janete chorando] Meu marido quer muito ser pai. Mas eu não consigo. Eu sou seca. Eu sou imperfeita.*

Verônica: *calma, Janete. A culpa não é sua...*

Janete: *tudo ia ser diferente com uma criança aqui dentro de casa, mas eu não consigo.*

Verônica: *ocê sofreu um aborto, foi isso?*

Janete: *(balança a cabeça confirmando) É um castigo. Só pode ser um castigo porque eu sei das coisas horríveis que ele faz. Eu não consigo. Ele me obriga a fazer essas coisas com elas.. (1ª temporada, episódio 3, minutos 00:52 a 02:08 – grifo nosso)*

Vale enfatizar que de maneira isolada a gravidez não pode ser lida como fator de risco ou proteção, posto que precisa ser analisado dentro do contexto específico de cada mulher que experiencia este cenário. Na situação de Janete, a gravidez trazia fantasias de uma proteção e uma vivência imperturbável com Brandão. Ela também acreditava que com a vinda do filho, Brandão interromperia com os rituais que fazia com as moças.

A Lei Maria da Penha (LMP), por exemplo, é um ganho de uma luta histórica, e apesar de toda fragilidade em sua execução prática podemos considerar que esta se configura atualmente como uma legislação protetiva que corrobora com o rompimento da violência contra a mulher. Salienta-se que sua propagação decorreu de um amplo processo de grandes movimentos sobre a luta política por parte das associações feministas e de mulheres, que há mais de trinta anos requerem um aparato legal, para a prevenção e penalidade da violência doméstica no país. Perante o exposto, o percurso histórico da Lei Maria da Penha viabiliza a sua constituição tal como identificamos hoje.

Outro reconhecimento histórico no âmbito legislativo que se configura também como um fator de proteção às vítimas de violência está na Lei 14.132/2021 que incluiu no Código Penal Brasileiro o artigo 147-B, que declara como crime a Violência Psicológica contra a mulher. O artigo refere como

conduta ilícita o uso de ameaças, humilhação, manipulação, isolamento, chantagem, constrangimentos etc. Tendo como pena – reclusão, de seis meses a dois anos, e multa, se a conduta não constitui crime mais grave (Incluído pela Lei n 14.188, de 2021). Dessa forma, corrobora-se com a concepção de que a violência psicológica contra a mulher não pode ser negligenciada e invisibilizada no contexto jurídico (Brasil, 2021).

No cenário das políticas públicas de enfrentamentos, segundo Lisboa e Zucco (2022), houve também a criação e implementação da Casa da Mulher Brasileira, que é um equipamento implantado para atender de forma humanizada mulheres que foram vítimas de violência. Foi desenvolvido pelo Governo Federal, com base na ação do Ministério dos Direitos Humanos (MDH), e é administrado pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos. A Casa contém a Defensoria Pública, Ministério Público, Delegacia de Defesa da Mulher, Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher. Para mais, a Casa da Mulher Brasileira proporciona acolhimento e promove o encaminhamento da denúncia, assim, assegurando a vítima com todo o suporte de modo especializado. Além disto, integrou todos os órgãos no mesmo espaço e facilitou o acesso do público-alvo ao serviço.

Ademais, tem-se o Núcleo de Enfrentamento à Violência contra a Mulher (Nudem) da Defensoria Pública do Estado do Ceará, que atua dentro do equipamento da Casa da Mulher Brasileira. Segundo a defensora pública Anna Kelly Nantua (2021), titular do Nudem, cerca de 97% dos casos que chegam até o núcleo, são de violência psicológica. O atendimento da Defensoria promove solicitação de medidas protetivas, atendimento judicial e extrajudicial, psicossocial, que se comprometem para auxiliar estas mulheres com o rompimento deste ciclo.

O presente Plano Nacional de Políticas Para as Mulheres (2013/2015) tem como princípio a igualdade e equidade de gênero considerando todas as diversidades. Em vista disso, existem diversos tipos de serviços que garantem a proteção e compõem a Rede de Atendimento à mulher vítima de violência, sendo eles:

SERVIÇOS ESPECIALIZADOS	SERVIÇOS NÃO ESPECIALIZADOS
I - Centros de Atendimento à Mulher em Situação de Violência (Centros de Referência de Atendimento à Mulher, Núcleos de Atendimento à Mulher em Situação de Violência, Centros Integrados da Mulher);	I - Hospitais;
II - Casas Abrigo, Casas de Acolhimento Provisório (Casas-de-Passagem);	II - Serviços de Atenção Básica;
III - Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Postos ou Seções da Polícia de Atendimento à Mulher);	III - Programa saúde da família;

IV - Núcleos da Mulher nas Defensorias Públicas, Promotorias Especializadas, Juizados Especiais de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher;	IV – Delegacias comuns, Polícia Militar, Polícia Federal;
V - Central de Atendimento à Mulher - Ligue 180;	V - Centros de Referência de Assistência Social (CRAS);
VI - Serviços de saúde voltados ao atendimento aos casos de violência sexual e doméstica;	VI- Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS);
VII - Núcleo de Atendimento à Mulher nos serviços de apoio ao migrante.	VII - Ministério Público e Defensorias Públicas.

Fonte: próprio autor.

Diante disso, destaca-se o desfecho da primeira temporada da série analisada, Janete é vítima de feminicídio e estava à espera de seu filho. Para enfatizar, segue a cena:

(Cláudio respira ofegante em direção a Janete)

Janete: não, vida! Vida para!

(Cláudio grunhindo)

Janete [chorando]: não, vida! Para! Ai!

(Janete é agredida)

(Brandão prende Janete com algemas na cadeira)

Brandão: olha pra mim! Olha! Coloca a caixa na cabeça de Janete e atea fogo na mesma.

(Janete chorando e tossindo)

Janete: Por favor... *(1º temporada, episódio 7, minutos 42:50 a 45:58 – grifo nosso)*

A vida de Janete e do filho do casal foram interrompidas. Essas mortes estão presentes na sociedade e são originárias de uma cultura de dominação e poder presentes entre os gêneros feminino e masculino, uma vez que, resulta em violência extrema com a qual ceifa a vida de milhares de Janetes. Vale enfatizar, a importância de maximizar os fatores de proteção em relação aos de riscos articulando toda a profundidade do fenômeno da violência psicológica. Assim, estes serviços citados acima corroboram para um melhor suporte às vítimas, auxiliando no seu processo para uma nova existência e reconstrução da identidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme mencionado no objetivo geral desta pesquisa “analisar de que forma a violência psicológica impacta a saúde mental de mulheres adultas no contexto dos relacionamentos conjugais a partir da série “Bom dia, Verônica”, percebeu-se a necessidade de publicações para o enfoque da violência psicológica, dado que há uma ênfase para os outros tipos de violência, especificamente para a física.

Faz-se indispensável mencionar, também, a relevância para um maior desenvolvimento, melhora das políticas públicas e dos serviços voltados para este contexto. Para mais, intervenções que possibilitem assistência para a vítima e para a sua família que são afetadas pela violência.

Ademais, a série “Bom dia, Verônica” foi um marco importante para a elaboração deste trabalho e para os telespectadores desta, tendo em vista toda a apresentação sensível e didática que ela faz das diferentes formas de violência contra a mulher e de como essa é estruturada na sociedade. Assim, foi de extrema importância para as reflexões aqui produzidas e os comparativos feitos entre ficção e realidade.

Além disso, entende-se que em toda pesquisa existem limitações, assim, vale destacar que o presente trabalho se mostra como uma contribuição para as próximas produções acerca da violência psicológica, para que esta seja cada vez menos silenciada. Assim, faz-se fundamental produções teóricas com foco no contexto sociohistóricocultural, visto que trabalhos com foco na patologização da vida estão em evidência.

Por fim, a construção deste artigo foi uma trajetória de muitas inquietações. De modo geral, ser mulher nos dias de hoje é experienciar sentimentos aflitivos. É presenciar, diariamente, violências contra os corpos femininos. Tristemente, aumenta cada dia mais o número de “Janetes”, vítimas desse fenômeno. Em suma, há um percurso longo de lutas e conquistas do ser mulher. Afinal, esta luta é de todas as mulheres.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. F. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 14, out. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2008000300012&lng=pt&nr_m=iso. Acesso em: 17 ago. 2023.
- ALMEIDA, I. **A violência patrimonial na lei no 11.340/06 e a eficácia das medidas protetivas**, 2023.
- ALVES, C. **Violência patrimonial contra a mulher na constância de relações socioafetivas**, 2019.
- AUGUSTIN, L.; BANDEIRA, C.C A. Postura e intervenções do gestalt-terapeuta frente à violência psicológica contra a mulher por parceiro íntimo. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.25, n.1, p.449-459. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672020000400010. Acesso em: 12 out. 2023.
- BITTAR, D; KOHLSDORF, M. Ansiedade e depressão em mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista Psicol Argum** [Internet]. 2013; 31(74): 447-56. [citado em 2015 out 10]. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index>. Acesso em: 05 nov. 2023.
- BONAMIGO, V. G. *et al.* Violência física, sexual e psicológica segundo a análise conceitual evolucionista de rodgers. **Cogitare Enfermagem**, v. 27, 2022.
- BRASIL. **LEI 11.340/06. Lei Maria da Penha**. Brasília. DF: Senado Federal. 2006. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496319/000925795.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2023
- BRASIL. **LEI no 14.132, de 31 de março de 2021**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2021/lei/L14132.htm. Acesso em: 05 ago. 2023.
- BRASIL. **LEI no 14.188, de 28 de julho de 2021**. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2019-2022/2021/Lei/L14188.htm#art4. Acesso em: 18 ago. 2023.
- BUTLER, J. **Os atos performativos e a constituição do gênero**: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista [1988]. Traduzido por Jamille Pinheiro Dias. Caderno de leituras, n. 78, p. 16, 2018.
- CHAUÍ, M.; ITOKAZU, E.; CHAUÍ-BERLINCK, L. **Sobre a violência**: escritos de marilena chaudi, vol. 5. São Paulo: Autêntica, 2017.
- Ciclo da Violência. **Instituto Maria da Penha**, 2023. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>. Acesso em: 10 out. 2023.
- CUNHA, T. R. A. **O preço do silêncio**: mulheres ricas também sofrem violência. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2007.
- _____. A dor que dói na alma: violência psicológica contra a mulher. In: Simpósio Baiano De

Pesquisadores(As)Sobre Mulheres E Relações De Gênero, 16; **Seminário Nacional: Políticas De Enfrentamento À Violência Contra Mulheres**, 1., 2010. Anais. Salvador, Bahia, 2010.

_____; SOUSA, R. Violência psicológica contra a mulher: dor invisível. In: **X Congresso Luso-AfroBrasileiro. Sociedades Desiguais e paradigmas em confronto**. p. 237-244, 2017.

DA FONSECA, P. M.; LUCAS, T. N. **Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas**, 2006.

DANTAS, B. M.; MÉLLO, R. P. Posicionamentos críticos e éticos sobre a violência contra as mulheres. **Psicologia & sociedade**, v. 20, p. 78-86, 2008.

DA SILVA, E. L. M. *et al.* Um olhar da psicologia sobre a autoestima de mulheres vítimas de violência doméstica. **Diálogos Interdisciplinares**, v. 8, n. 1, p.34-44, 2019.

Especialistas traçam perfil de agressores de mulheres; identifique características abusivas em 5 pontos. **G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/19/especialistas-tracam-perfil-de-agressores-de-mulheres-identifique-caracteristicas-abusivas-em-5-pontos.ghtml> . Acesso em: 8 out. 2023.

FONTES, G. C. A **(in) visibilidade da violência conjugal psicológica contra a mulher na produção científica brasileira em psicologia**. 2018.

GADONI-COSTA, L. M.; ZUCATTI, A. P.; DELL'AGLIO, D. D. Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 28, p. 219-227, 2011.

HIRIGOYEN, M. F. **A violência no casal: da coação psicológica à agressão física**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

LISBOA, T. K.; ZUCCO, L. P. **Os 15 anos da Lei Maria da Penha**. **Estudos Feministas**. v.30, n.2, p. 1-12. 2022. Disponível em: <https://www.sci-elo.br/j/ref/a/BzPqkz9dj8zs9V39X8djsvK/?lang=pt> . Acesso em: 10 mar. 2023.

MARTINS, C.; BURD, A. Repercussões da violência psicológica contra a mulher na relação conjugal. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6, n. 2, 2018. Disponível em: <http://jornal.faculdadecienciasdavidacom.br/index.php/RBCV/article/view/660> . Acesso em: 26 nov. 2023.

MALDEBAUM, B.; SCHRAIBER, L.; D'OLIVEIRA, A. F. Violência e vida familiar: abordagens psicanalíticas e de gênero. **Saúde e Sociedade**, v. 25, p. 422-430, 2016.

Núcleo de Enfrentamento à Violência contra a Mulher: Fortaleza tem aumento de 139% nos atendimentos. **Defensoria Pública do Estado do Ceará**. 2021. Disponível em: <https://www.defensoria.ce.def.br/noticia/nucleo-de-enfrentamento-a-violencia-contra-a-mulher-fortaleza-tem-aumento-de-139-nos-atendimentos/> . Acesso em: 10 nov. 2023.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul.,

2009.

SIQUEIRA, C. A.; ROCHA, E. S. Violência psicológica contra a mulher: Uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. **Revista Arquivos Científicos (IMMES)**, v. 2, n. 1, p. 12-23, 2019.

TONEL, D. P. *et al.* Violência psicológica no Brasil: análise temporal e de gênero na última década. **Disciplinarum Scientia| Saúde**, v. 23, n. 2, p. 37-48, 2022.